

## ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A ANTROPOFAGIA DE OSWALD DE ANDRADE

*Ana Paula Massadar Morel*

Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ),  
mestranda no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) pela  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

### RESUMO ESTENDIDO

#### **Apresentação**

Este trabalho é resultado de reflexões a partir da minha pesquisa de mestrado que está em andamento desde março de 2011. Em minha dissertação busco explorar os textos teóricos do escritor brasileiro Oswald de Andrade a partir de uma perspectiva antropológica. O autor foi um dos principais expoentes do movimento modernista brasileiro, criando a vertente Antropófaga. Nos seus poemas, manifestos e ensaios era também praticante, como disse Amir Geiger, de uma Antropologia *sem métier*. Esbarrando com diversos problemas antropológicos, trata de temas como alteridade, dominação, ritos, primitivismo. Não devemos, entretanto, buscar teorias sistemáticas e referências empíricas precisas, o que poderia atribuir à obra uma falta em relação às Ciências Sociais. Os ensaios e manifestos de Oswald são "uma polivocidade que mixa conceitos, personagens valendo por idéias, anedotas e aforismos por argumentações, citações destacadas do contexto." (MUNIZ, p. 107). Suas referências etnográficas muitas vezes foram consideradas ultrapassadas e fantasiosas: o matriarcado não existiu entre os Tupinambás antropófagos. No entanto, é necessário desprender os olhos dessas exigências para poder perceber seus insights e a sua forma original de conceber os povos colonizados sem o estigma da ausência, dando à alteridade um valor anti-colonial. Nesta trabalho buscaremos analisar como o autor propõe não apenas uma teoria da cultura brasileira, mas uma teoria da cultura, nesse sentido, uma teoria antropológica.

## **Metodologia**

. Partindo de um diálogo transdisciplinar entre as Ciências Sociais e a Literatura, faremos um trabalho ensaístico baseado principalmente na análise minuciosa dos escritos de Oswald de Andrade mais teóricos (não focaremos tanto na sua obra poética). O que será feito a partir de uma comparação com um paradigma da mestiçagem bastante presente em seu tempo. Isto nos permitirá perceber o que de original o autor teria a propor.

Sem deixar de reconhecer a diferença de propostas entre o escritor e a disciplina, sem também atribuir uma falta aos seus escritos em relação à Ciência, parto de princípios teórico-metodológicos que admitem que textos literários podem servir de alimento para as Ciências Sociais. Sigo também a proposta antropológica da observação participante, não pensar *como*, nem *sobre*, mas sim *com* os escritos. Buscamos, portanto, levar à sério a proposta da Antropofagia de Oswald de Andrade.

Sabemos que boa parte da obra oswaldiana teve como influência as vanguardas artísticas europeias e a filosofia de Frederich Nietzsche e existencialista. Isto não foi necessariamente um problema, pois, como já foi dito, não há preocupações com um purismo. Entretanto, se trata-se de uma teoria anti-civilizatória, seria estranho o autor utilizar-se tanto de referências europeias? O que proporia o projeto antropofágico de deslocado do “centro” europeu? O que faria o autor, para usar suas palavras, não fazer apenas uma “teoria de exportação”? Como esta teoria se diferenciaria dos ideais de mestiçagem de seu tempo? As respostas dessas perguntas começam a ser respondidas quando pensamos em como Oswald de Andrade foi devorado e devorou as sociedades ameríndias. É o que permite que este homem branco, de família aristocrática, possa falar em *nós* quando trata dos povos que aqui estavam antes da chegada dos portugueses.

## **Desenvolvimento**

O acesso de Oswald de Andrade às sociedades ameríndias se deu pela leitura dos cronistas e não por trabalho de campo como propõe o método antropológico. Entretanto, podemos dizer que em relação aos índios dos primeiros séculos de colonização, teve acesso à praticamente os mesmos materiais que se tem hoje: a leitura de cronistas como

Montaigne, Jean de Léry, Hans Staden, Américo Vespúcio, entre outros. Questionamos: o que o escritor modernista captou da sua leitura dos cronistas? Nesta análise consideraremos não só o que foi dito por eles, mas o que o autor percebeu de distinto, que será utilizado para compor seu projeto antropofágico

Para começar, atentemos para a escolha do autor em eleger a Antropofagia como a palavra de ordem e mote do movimento. A prática antropofágica foi frequentemente associada à barbárie, à animalidade em relação à Civilização Moderna. O antropólogo Claude Lévi-Strauss afirma que, entre todas as práticas selvagens, a antropofagia é "sem dúvida a que nos inspira mais horror e repugnância" (1995, p. 366). É interessante também atentar como Pierre Clastres ficou: "radiante com a ocasião de estudar o que é o mais profundamente estrangeiro a nossa cultura, a antropofagia - o etnólogo não partilha menos, pelo menos no início das fascinações próprias do Ocidente" (p. 229). Pelo assombro etnocêntrico, ou pelo fascínio ao exótico, percebemos como a Antropofagia foi considerada uma das práticas, modos de ser, mais distantes do Ocidente. E, foi nela que Oswald de Andrade encontrou o "tabu a ser transformado em totem":

Ora, ao nosso indígena não falta sequer uma alta concepção de vida para se opor às filosofias vigentes que o encontraram e o procuraram submeter. Tenho a impressão de que isso que os cristãos descobridores apontaram como o máximo de horror e o máximo de depravação, quero falar da antropofagia, não passava de um alto rito que trazia em si uma Weltanschauung, ou seja, uma concepção e vida e do mundo (ANDRADE, 1991, p. 231)

Ou seja, para o autor, o rito antropofágico não só deixa de ser um rito inferior, como passa a carregar consigo uma importante concepção de mundo que deveria ser valorizada. Esta concepção, como aponta Sueli Rolnik, ao estender o princípio antropofágico para o domínio da subjetividade, seria o contrário de uma imagem identitária. O processo de engolir o outro implica que "partículas do universo deste outro se misturem às que já povoam o universo da subjetividade do antropófago e na invisível química dessa mistura, se produza uma verdadeira transmutação" (2000, p. 11) - o que nunca poderia levar a criar uma identidade fixa.

Vemos como o autor criou um primitivismo específico, que diferente daquele criado pelo outro grupo modernista Anta enraizado em um nacionalismo-ufanista, baseava-se no ideal da "contra-catequese". Opunha-se não só à uma ideia essencializada da cultura brasileira, como também ao estigma da *falta* corrente em boa parte das

interpretações da modernidade brasileira. Nós não teríamos que nos civilizar, mas sim teríamos muito a aprender com aqueles considerados bárbaros.

Além disso, percebemos que quando o autor recupera a “alteridade antropofágica” (VIVEIROS DE CASTRO, 2010) percebemos que se constrói um outro tipo de alteridade muito distinta da proposta do ideal da mestiçagem de seu tempo. Enquanto a primeira estaria mais próxima de um interesse pela diferença, a segunda se daria pela preocupação com a unificação em primeiro lugar.

### **Resultados Alcançados**

Buscamos analisar como Oswald de Andrade constrói sua teoria da cultura. O que passará por compreender como se dá a devoração do pensamento de Oswald de Andrade em relação às sociedades ameríndias. Seguindo os apontamentos de Eduardo Viveiros de Castro (2007), vemos como a Antropofagia literária teria muitos acertos em relação à própria Antropofagia literal. A alteridade antropofágica encontrada pelo antropólogo no pensamento ameríndio é fundante para o projeto da Antropofagia oswaldiana. Em seguida perceberemos sua diferenciação com o ideal integrador mestiço de sua época. Este debate nos parece bastante atual, quando nos dias de hoje, junto da grande recuperação de sua obra, vemos as ideias do multiculturalismo, de certa maneira continuadores do paradigma da mestiçagem, se expandirem.

### **Bibliografia**

ANDRADE, Oswald de. Estética e Política. São Paulo: Ed Globo, 1991.

CLASTRES, Pierre. Crônica dos Índios Guayaki: o que sabem os aché, caçadores nômades do Paraguai. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995 [1972]

GEIGER, Amir Uma Antropologia sem Métier: Primitivismo e Crítica no Modernismo Brasileiro. Tese - PPGAS/Museu Nacional 1999

LÉVI-STRAUSS, Claude. Tristes Tropiques. Paris: Plon. 1955.

MUNIZ, M Oswald Plural. Org. Helenice Valias de Moraes. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1995.

ROLNIK, Sueli Esquizoanálise e antropofagia. In: E. ALLIEZ (Org.). Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: 34, 2000.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. Encontros. Org Renato Sztutman Ed Azougue,  
2007